CRÓNICA 1 DOS AÇORES.

17-24 junho 2005

DA CHEGADA AOS SISMOS VAI O VOO DUM AÇOR

Aterrámos pela primeira vez no grupo oriental do arquipélago dos Açores, com bom tempo quente e húmido (26° C e 85% de humidade). Estavam à nossa espera uns primos da minha mãe que para aqui emigraram quando foram corridos de Angola em 1975. Nunca mais daqui saíram a não ser em férias. Logo no aeroporto começaram as complicações pois a bagagem tinha-se extraviado... Entramos no Porto num pequeno e acharutado avião da Portugália rumo a Lisboa onde nos metemos num aeroplano maior da SATA. Serviram-nos uma sandes e um queque para jantar porque vínhamos em classe económica e só na executiva havia refeições. As malas não chegaram e estamos perante o dilema de trazermos apenas a roupa que temos no corpo e uma pequena mala a que em Portugal se chama pomposamente "nécéssaire" que contém os cosméticos. Pelo menos cheirar mal não cheiramos e posso fazer a barba mas vou dormir sem pijama.

Os primos resolveram dar-nos uma pequena visão da ilha levando-nos até à marginal que está bem frequentada apesar de ser já noite alta, muitas pessoas a pé e muitos carros a circularem. Parece cosmopolita e bem mais dinâmica que a Bragança que deixamos ontem. Depois levaram-nos a ver a marina e as vistas do porto e baía através da esplanada do Clube Naval que em 2001 celebrou os cem anos. À entrada do parque o carro tocou na berma e lá se foi um pneu. Depois de tomarmos café fomos mudar o pneu para o de reserva, aquelas miniaturas de pneu que atualmente algumas marcas usam como pneu sobressalente. Voltamos e quando nos preparávamos para sair, o pneu de reserva estava vazio. Avisaram-nos que não era conveniente deixar ali o carro porque aquela zona era frequentada por emigrantes devolvidos pelos EUA e Canadá em virtude de terem cometido crimes e não terem a nacionalidade daqueles países. Andamos a pé uns 2 km até apanharmos um táxi que deixou as senhoras em casa e nós fomos comprar um daqueles tubos mágicos que enchem pneus vazios. Esta entrada em Ponta Delgada foi atribulada.

Fomos deitar-nos sem roupa mas o calor e a humidade assim o permitiam.

Na manhã seguinte já o meu primo tinha ido buscar uns pneus novos e estava a pé bem cedo. o que para nós custou bastante visto que aqui andam uma hora atrás do continente. Nos dias seguintes além do roteiro turístico que nos levou a vários pontos da ilha desde as Furnas malcheirosas até à bela Lagoa Azul e à das Sete Cidades vimos bastante desta ilha verde. Começámos em busca de casa depois de termos visto a enorme escola EBI da Maia (S. Miguel) onde a minha mulher irá lecionar - pelo menos - durante três anos. Dizíamos a toda a gente que vínhamos cá para ficar e queríamos uma casa sem mobília. Vimos poucas e más, pequenas e com mobília, mas achamo-las caras (500 euros ao mês por um T2 com cerca de 90 m².... Claro que isto era barato comparado com os preços em Ponta Delgada que andam similares aos de Lisboa. Tratamos de algumas burocracias relacionadas com a mudança para as ilhas e de casa nada, até que nos surgiu a uns 4,5 km da Maia a hipótese de uma vivenda pequena de 2 quartos, em vias de conclusão de obras. Tinha um sótão, aqui designado como "falsa" com uma área razoável cerca de 60 m² mas o teto estava à vista e não tinha proteção contra a chuva. Pediram-nos 300 euros por mês, e na "falsa" eu tinha um pequeno escritório com uma janela com vista para as vacas alpinistas e para o mar, vendo-se metade da costa norte até à ponta oeste na Bretanha. Pedimos ao dono da casa se era possível meter criptoméria a forra o sótão e ele anuiu. Ficamos contentes e na manhã seguinte voltamos para ver melhor a casa e tirar medidas a fim de reavaliarmos o que iríamos trazer dos nossos 200 m² de Bragança. A casa estava em acabamentos e ainda deu para indicarmos onde queríamos algumas tomadas elétricas e de telefone. Atrás há um pátio – metade dele coberto – e depois um enorme quintal de 80 por 25 metros com vistas para o mar. a casa estava arranjada contra todas as expectativas e com sorte visto que aqui além de serem todas muito pequenas estão sempre mobiladas. Ficamos mesmo no centro da aldeia (aqui chamam-se freguesias) numa rua frontal à imponente igreja de 1870's e temos um café a dois passos na esquina de cima que também pertence ao nosso senhorio que acumula funções como Presidente da junta de Frequesia. Existem mais uns cafés por perto e dois minimercados, uma loja de ferragens, uma bomba de gasolina nos Bombeiros e de comércio mais nada, exceto uma delegação da Caixa Agrícola dos Acores.

Regressaremos assim a Bragança com casa alugada, pedido de linha telefónica, de Tv Cabo, etc.

11 AGOSTO 2005 Olá gente

Até agora gostamos disto bastante, estamos numa aldeia agrícola sobre o mar

As gentes são simpáticas, muito educadas e corteses e entendem-se apesar do sotaque curioso.

LOMBA DA MAIA fica numa elevação, a 4 km da vila piscatória (grande) da MAIA junto ao mar, onde a Ni vai dar aulas e o João vai para a 4 ª classe.

Aqui só há agricultores e leiteiros. Estamos em pleno centro da aldeia a 20 m da igreja monstruosa de grande.

A casa é um T2+2 com um sótão (aqui chama-se falsa) onde o senhorio construiu 2 quartos (o de dormir do João e o de brincar) e para a frente com janela para o mar e montes um pequeno escritório onde cabem 2 secretárias, os PC e auxiliares, arquivadores e 2 estantes.

Temos um pátio grande coberto onde temos uma mesa de almoçar com um banco de igreja x 2, e cadeiras com barbecue a gás e uma banca, depois é um quintal de 80 x 25 metros.....onde temos outro barbecue a lenha e que tem vistas para o mar imenso da costa norte da ilha de S. Miguel.

O clima é mais ameno que em PD (Ponta Delgada) menos húmido e mais fresco mas as temps são idênticas 21-25°C e o mar aqui é mais frio 20-22°C e em PD 23-24°C... no inverno faz frio 12-17°C (ah! ah! que saudades dos -12°C a +43°C de Bragança) e nevoeiro com vento

O clima muda constantemente e tanto chove com faz sol...

As lagoas, as crateras e as baías são um espanto e os montes e colinas cheios de vegetação estão pejados de vacas penduradas como alpinistas.

O peixe (dizem-me que) é muito bom, a carne bastante apreciável (mas menos que a posta mirandesa de Bragança), o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa acabado de fazer, e o leite vem diretamente da vaca para casa.

Depois conto mais quando acabarmos de desmontar os caixotes que faltam dos 148 caixotes (36 metros cúbicos) + mobília + carro que vieram por barco.

CRÓNICA 2 DOS AÇORES

8 SETEMBRO 2005

Olá gente

Continuamos a gostar disto, depois dumas semanas de bom tempo e sem chuva, tivemos 3 dias de chuva sem parar e 3 dias sem chuva maravilhosos. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol, etc.

Até agora ainda só encontramos duas pessoas antipáticas na administração dos serviços de saúde... se calhar precisam de tratamento.

Assiste-se a uma nova colonização dos Açores, pois existem centenas, se não milhares, de continentais que para aqui vêm em busca de emprego, normalmente no setor do ensino. As escolas têm uma qualidade superior às do continente quer em tipo de equipamentos quer mesmo em organização, pelo pouco que já observamos.

A nossa aldeia agrícola sobre o mar de gentes simpáticas, muito educadas e corteses terminou agosto com uma semana de folguedos e festas à antiga portuguesa, incluindo uma sessão de fados à desgarrada como eu já não ouvia desde a infância. e entendem-se apesar do sotaque curioso.

Veio gente de todas as povoações limítrofes e havia foguetes, música, desfile de carros alegóricos à vida campesina e a cenas do quotidiano. Arrematações e leiloes de porcos e outros bens agrícolas... havia tasquinhas e venda de bugigangas. A parte pior foi quando a procissão que passava à nossa porta teve de ir em corrida porque o aguaceiro que caía era demais...

LOMBA DA MAIA fica numa elevação, a 4 km da grande vila piscatória da MAIA junto ao mar, onde a Nini vai dar aulas e o João vai para a 4 a classe.

Continuamos a apreciar e a achar estranho isto que era normal na minha juventude: o pão é entregue todas as manhãs à porta de casa acabado de fazer, e o leite vem diretamente da vaca para casa.

A nossa filha mais velha, Bebé, o marido, Ricardo e a neta Mariana de 2 anos e meio estiveram cá 15 dias. Uma noite ouço gritos porque um grilo estava no quarto deles e não deixava a miúda e a mãe da miúda dormir.... la sendo uma tragédia pois como sabem os grilos são descendentes diretos dos dinossáurios....

Se, por acaso, uma barata entra em casa, por baixo das portas é impossível, mas não podemos ter as janelas fechadas todo o dia, nem queiram saber a tragédia familiar que se põe. Faz-me lembrar a cena dos primeiros dias em que o João estremunhado nos veio contar que havia uma aranha venenosa no quarto.... Era um pequeno inseto inofensivo.... Por vezes custa aos urbanos esta adaptação ao mundo rural.

Entretanto com a chuva o nosso capim cresceu 50 centímetros em 3 dias e não sabemos o que havemos de fazer pois são mais de 50 metros por 20 metros de quintal

Há dias saímos com imenso sol e quando chegámos tínhamos o escritório inundado porque a janela tinha ficado aberta. Ninguém se lembra destas coisas a princípio....

A nossa praia local tem duas cascatas em plena praia e um aspeto que só me lembro de ter visto em filmes, não é vigiada e tem um leve problema, são 4,5 km de estrada a pique (mais de 15% de inclinação embora seja ao fundo da rua é preciso rodear dois montes a pique para chegar até lá.... Depois de chegar (de carro, é claro) são 137 degraus de pedra por entre dois ou três moinhos de água abandonados por entre ribeiras e cascatas. O pior é subir aquilo tudo a pé.... Até chegar ao carro, e os locais olham para nós com estupefação pois sobem e descem a pé e não se lhes nota o ar de cansaço que nós temos só por subir os degraus ...

No fim de semana fomos dar uma volta de carro e no miradouro da Caloura (na costa sul, zona de residências de fim de semana de médicos e outra gente rica e pretensiosa) havia uma vala profunda no asfalto. Entrei de lado por causa do Audi A4 ser baixo e fiquei com uma roda na valeta profunda de águas pluviais. O carro assentou no chão e não havia meio de o tirarmos. Logo de imediato, parou um jipe que se ofereceu para me ajudar mas a corda com que me ia rebocar partiu. Caía um daqueles aguaceiros que equivalem a um ano de chuva em Bragança, e pararam mais 3 ou 4 carros. Rapidamente seis ou sete pessoas levantaram os 2 mil kg do carro em mãos e puseram-me de novo a circular ao som das suas próprias palmas. Eu estava todo encharcado e estava dentro do carro, eles piores que pintos mas todos satisfeitos por terem ajudado outro ser humano. Lembrei-me se alguma vez poderíamos assistir a uma cena destas noutro sítio. Lembrei-me do estado de quase guerra civil na Luisiana após o furacão Katrina (roubos, violações, assaltos, etc.) e admiti que ainda o ser humano ainda tem algo de valores importantes que o resto da sociedade já esqueceu.

A rotina começa a instalar-se, e dentro de dias todos teremos os nossos horários a cumprir. Saudades e até sempre

O Cronista Australiano Transmontano Açoriano

Crónica 3

30-10-2012 13.30 horas Açores (14.30 Lisboa) 23.30 Sydney

Com efeito desde o meio-dia local, uma da tarde no continente, que isto está a tremer. Em Vila Franca do Campo na costa sul, a 10 km d Ponta Delgada já foram mais de cem e alguns de grau 6.5 na escala de Mercali. Na Maia onde a Nini dá aulas e o João está evacuaram as escolas, pois até as mesas da escola andaram uns metros

Os alunos choraram, os professores estavam em pânico. A proteção civil acionou os mecanismos devidos. Ainda agora no café aqui na Lomba da Maia andava um polícia a saber do nosso senhorio e Presidente da Junta de Freguesia a indagar dos estragos locais. Caiu a cruz da igreja de Vila Franca e uma casa abandonada aqui perto em Porto Formoso. Não há vítimas

Em casa não se sente nada no rés-do-chão, mas aqui no primeiro andar, a falsa (sótão,) isto tremeu bem e só senti dez abalos telúricos. O maior durou uns 4 segundos.

Esta crise é a maior desde há uns trinta anos e começou em maio. Espera-se que a continuar assim a terra trema durante todo o dia e toda a noite...

Não há nada a fazer, só esperar que a hora que nos destinaram não chegue. E vai mais um...

Crónica 4

22.30 Açores, 23.30 Lisboa, 09.30 Dia 21 Sydney

Mais dois pequenos sismos na última hora, o que totaliza 20 aqui na aldeia da Lomba da maia, nada quando comparado com mais duma centena em Vila Franca do Campo na costa sul, onde as pessoas dormindo em tendas irão passar a noite ao relento. Felizmente não é muito frio (16-17°C). A crise sísmica como lhes chamam tem sido a maior desde maio e prevê-se mais atividade para a noite.

Como resultado, o Johnny Boy vai dormir no rés-do-chão que é mais seguro e fica mais perto do enorme quintal que temos. Não há casas altas ou em grande risco aqui ao pé, mas se a igreja cair pode chegar até nós dado ficar a menos de 100 metros....

A fratura passa a poucos km daqui e vai até à Maia a 5 km daqui. Amanhã não se sabe se haverá aulas, pois se a atividade esta noite for igual à do dia continuamos em alerta laranja o grau 4 da escala de 5....

As águas da lagoa perto do epicentro de hoje subiram a temperatura substancialmente, o que é normal quando da atividade das placas tectónicas instáveis como esta.

O mais impressionante é esta incerteza, estes silêncios entre tremores, e a dúvida se o próximo vai ser dos pequenos ou quando virá um grande.

Medo propriamente dito não há, um certo temor, ou como eu dizia quando filosoficamente aos 18 anos proclamava a supremacia da ciência sobre a religião: o homem é um ser infinitamente pequeno na grande escala das coisas da vida como a Natureza. Esperemos que natura-mãe e não madrasta.

O João está a aceitar tudo isto com um certo fair-play e nós cá vamos nesta incerteza, pensando noutros locais do mundo no furação que está a assolar Cuba e na Luisiana... e é nestas alturas que deparámos com esta realidade, as desgraças que a TV transmite anonimamente podem chegar até nós.

Sabíamos disto ao virmos para cá e temos de aceitar, pois nada se pode fazer. Se a atividade sísmica fosse também vulcânica era bem pior, pois em 1532 ou 1524 (a minha história local ainda é fragmentária) a mesma Vila Franca que era então capital desta província do reino dos Algarves foi totalmente aniquilada e ninguém sobrou, a não ser duas das mais belas lagoas e uns não sei quantos picos que ora estão bem verdejantes. Depois disso houve a erupção dos Capelinhos algures na minha memória por volta de 1962, o ano a seguir à Índia e antes da morte do J.F. Kennedy. Os outros mais recentes foram na ilha Terceira...

E pronto vou deixar aqui esta crónica tremida e trabalhar.

Crónica 5

10 DA MANHÃ AÇORES, 11 LISBOA, 20 HORA SYDNEY

A noite passamo-la bem, embora se tenham sentido 17 sismos, nós não os sentimos e conseguimos dormir seis ou sete horas. Grande parte da população ficou desperta a dormir em carros ou nas ruas, em ginásios em especial nas terras mais afetadas como Vila Franca do campo (costa sul) ou aqui perto na Maia (costa norte). Nota-se uma grande insegurança nas pessoas com quem contactamos e naquilo que vemos e ouvimos na TV e rádio. A gente mais nova nunca tinha passado por uma crise sísmica tão grande e prolongada como esta e os sismos e microssismos jamais tinham atingido o grau 5 ou 6 na escala de Mercali...

Existe apreensão autêntica, e os mais velhos estão muito temerosos. Nós mantemo-nos mais calmos do que a maior parte dos que nos rodeiam, já ontem constatei isso com os professores da escola da Maia (há 120 profes) mais nervosos que muitos alunos. Houve quem dormisse ao relento, outros levaram mantas mas o certo é que uma percentagem da população não dormiu em casa.

A atividade parece estar a abrandar quer em frequência quer em intensidade, mas os especialistas preveniram que ela se ia manter. Desconhece-se se isto se vai lentamente acalmando ou se haverá um maior, e neste caso os medos são justificados pois a fratura separa a ilha ao meio na vertical e corre-se o risco de ficarmos a ser duas ilhas.... A zona afetada deriva da Lagoa do Fogo e da falha da lagoa do Corgo que atravessa transversalmente a ilha na sua zona mais estreita (18 km) e mais baixa, podendo-se ver ambas as costas. Ora a Maia onde a Nini dá aulas e o João anda, está mesmo nas faldas da parte mais oriental da ilha contígua à dita falha. O aeroporto fica na metade ocidental da ilha, pelo que como o meu Audi A4 não nada nem voa, não teremos hipóteses de sair....

Com respeitinho mas com uma certa ligeireza de espírito é assim que contamos levar isto.

Como disse ontem a alguém das inúmeras pessoas amigas, que se têm solidarizado connosco nas últimas 24 hrs através do Skype, telemóvel e fixo, o certo é que mais perigoso andar de carro nas estradas do continente.

Hoje a Nini foi para a escola da Maia que está aberta embora os alunos estejam dispensados das aulas, mas o João voltou comigo e assim está aqui mais calmo ao pé de mim, nesta sua primeira experiência telúrica. A minha foi em 1967 no Porto pelas 06.27 da manhã. Depois perdi-lhes a conta dado que em Timor havia tremores todos os dias, embora só um tenha sido suficiente grande para nos pormos todos a correr em março de 1975...

Depois disso escapei dos vulcões ativos em Bali (indonésia) e senti o tremor em 1989 ou 1990 em Newcastle (Austrália) que ficou semidestruída e eu estava em Sydney a 250 km...

Irei manter-vos atualizados através destas crónicas, enquanto não tenho tempo de criar o meu blogue.

14.30 Açores, 15.30 Lisboa, 00.30 dia 22 Sydney

A manhã foi calma, mas foram sentidos mais de 30 desde a meia-noite.

Nós sentimos dois - um deles grande de grau 6 escala de Mercali - pelas 12.10.

Até agora desde as 12 horas já vai uma dezena.

Amanhã não há aulas e existe a possibilidade de um grande como na Horta em 1980.

Nós calmos, mas a Nini acabada de chegar da escola diz-me que os professores entraram em pânico e desapareceram, i.e. os poucos que tinham aparecido.

Constata-se que as pessoas não tiveram treino sísmico, nem tinham planos de contingência nas escolas, o Plano Nacional está a funcionar e a escola da Maia é considerado o ponto de encontro de velhos e incapacitados, no caso de vir um grande.

Aqui a excitação das pessoas é enorme e nós os dois parecemos os mais calmos no meio disto. O grande desta manhã foi sentido em toda a casa e eu já ia no meio das escadas. Tenho este hábito de desatar a correr ao fim de 3 segundos de tremuras... e já tinha berrado para o João que estava no r/c e este já ia no pátio das traseiras que dá para o enorme quintal.

CRÓNICAS AÇORIANAS 6

8 - 23 outubro 2005

PROJECTO DE PATRIMÓNIO CULTURAL A DESENVOLVER COM AS JUNTAS DE FREGUESIA DE LOMBA DA MAIA E DA MAIA E CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRA GRANDE (3 ANOS 2005-2008)

PROJECTO DE Cancioneiro Regional Açoriano:

ANTIGOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS – recolha e exposição de brinquedos antigos (latão, papel, etc.), lançamento de papagaios de papel, etc.

PREGÕES – recolha, concurso e divulgação (escrita)

PROFISSÕES – semana das profissões, feira artesanal com trajos de épocas antigas, feira à moda antiga (durante as Festas das Vilas/Aldeias e Cidade), etc.

LENDAS E CONTOS TRADICIONAIS – recolha, colocação em cena, contadores de histórias – publicação (livro/CD)

TRADIÇÕES DE NATAL, PÁSCOA, CARNAVAL, etc. – compilação

PROVÉRBIOS, CANTILENAS E LENGALENGAS – recolha, exposição e publicação (livro/CD)

RUAS, RUELAS, PRAÇAS E PRACETAS, SUA HISTÓRIA – recolha toponímica e sua publicação (livro/CD).

Tal como tive oportunidade de fazer com o lançamento em junho 2005 do CANCIONEIRO TRANSMONTANO 2005 (editado pela SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BRAGANÇA e como apoio da CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA), pretendo após a compilação preparar a sua publicação em livro intitulado CANCIONEIRO REGIONAL AÇORIANO (S. Miguel).

METODOLOGIA		
METODOLOGIA		

Tentar obter uma colaboração multidisciplinar com todas as unidades de ensino (agrupamentos) em todo o Concelho/Distrito (por ex. dentro do âmbito do PROJECTO ESCOLA), Juntas de Freguesia, com as Unidades IPSS da Terceira Idade, Misericórdias, etc. Promover a participação dos órgãos de comunicação social e escrita.

2. ENCÓNTROS ACORIANOS (ANÚAIS) DA LUSOFONIA

À semelhança dos Colóquios Anuais da Lusofonia que venho organizando desde 2001 (ver http://lusofonia2004.com.sapo.pt; http://lusofonia2004.com.sapo.pt;

http://slp2003.com.sapo.pt; http://lusofonia2002.com.sapo.pt;) pretendo criar já a partir de maio 2006 com caráter anual os ENCONTROS AÇORIANOS (ANUAIS) DA LUSOFONIA visando debater todos os problemas da LUSOFONIA que sejam pertinentes para a população açoriana aqui residente e na diáspora (EUA, Canadá, etc.).

Pretende-se dar voz aos autores locais e a temas locais a fim de todos os anos terem um fórum onde possam apresentar trabalhos literários e de pesquisa. Igualmente se visa envolver toda a população a todos os níveis para poder ter forma de expressar a sua voz.

3. FINANCIAMENTO

1. Para o Cancioneiro pretende-se uma parceria entre a Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia aderentes e até mesmo a Santa Casa da Misericórdia que podem utilizar este volume como "cartão de apresentação" da região e das suas gentes (a título de curiosidade um livro destes orçava em 2005 (286 páginas, Quantidade: 1000, Valor: 2 750,00).

2. Para os ENCONTROS AÇORIANOS DA LUSOFONIA necessita-se que seja disponibilizado um anfiteatro com capacidade até 100 pessoas, todo o equipamento sonoro, PC, retroprojetor, projetor de slides, projetor de vídeo, TV, e facilidades de impressão do Programa (100 exemplares). NADA MAIS. Relembro a propósito o que afirmei recentemente quanto aos Colóquios Anuais da Lusofonia no jornal Lusitano de 24 de setembro:



Por isso, iremos tentar continuar a ser independentes de subsídios. E foi assim nas vésperas de eleições que elaborei o meu plano para o triénio.

Tinha acabado de chegar duma estafante viagem ao Continente para o 4º Colóquio Anual da Lusofonia que este ano era sobre Timor. A presença de honra era o Prémio Nobel da Paz D. Ximenes Belo a quem servimos de mestres-de-cerimónias dia 4 à chegada, ao almoco, durante as sessões e ao jantar que se prolongou até às 22.15 hora a que o Sr. Motorista do Sr. Presidente da Câmara nos trouxe ao Porto para embarcarmos de regresso aos Açores pela manhã de dia 5 outubro. Tínhamos ido ao fim da tarde de dia 30 setembro. A Helena (Nini) tinha tido uma reunião na escola (daquelas que agora acontecem todos os dias ou quase... e o João tinha acabado as aulas. Dia 1 de outubro como era sábado descansámos alguma coisa, revimos a família, cortou-se o cabelo, e preparamo-nos para arrancar pelas 15 de dia 2 rumo a Bragança no Mercedes da Presidência da Câmara. Soube bem ser conduzido em vez de conduzir... mal chegamos ao Hotel deparamo-nos com centenas de pastas, documentos e outras coisas para levar na manhã seguinte para o Colóquio. Avisámos a receção de que não tínhamos chegado para ninguém a ver se nos deixavam descansados. Estávamos a tomar um café no nosso ex-pouso habitual, a Torre da Princesa, onde fomos efusivamente cumprimentados pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia decerto desconhecedor de que não íamos votar: nem nele nem noutro qualquer... Curioso como ele nunca se tinha mostrado tão efusivo, devia ser o efeito autárquicas...

Íamos a sair para jantar quando o telefone toca (desvantagens dos telemóveis), era um dos oradores brasileiros em Timor a dizer quer o Sr. Reitor da universidade de Díli estava pronto para jantar se se podiam juntar a nós. Assim aconteceu e quando saímos do restaurante Poças já lá estavam para aí uns dez....

Viemos para o hotel e com a preciosa ajuda de ex-alunos/as da ESE/IPB da Nini lá estivemos até à meia-noite a prepara as pastas dos oradores e restante material do secretariado do colóquio. Do resto já todos devem saber pelos jornais e TV pelo que não vos maço com detalhes...

Aqui nesta quinzena nos Açores a vida começa finalmente a entrar numa nova rotina. Os tremores são menos frequentes e menos sentidos, mas continuam a existir.

Não temos saído tanto quanto pretendíamos porque a minha cara-metade está sempre a preparar aulas, reuniões e coisas quejandas dado que é devido aos professores que não faziam nada que o país está nesta crise e por isso agora terão de se matar a trabalhar para o país sair da crise.

O João continua a ser EXCELENTE em tudo mas a culpa não é dele mas da insularidade que nivela por baixo os conhecimentos mínimos dos alunos. Nas horas vagas, vagueia pela aldeia na sua trotineta e os seus inúmeros amigos e adora estar aqui e desfrutar desta liberdade e autonomia.

Há dias confrontei-me com a diferença do preço de gás em botija ao ter de mudar, pela primeira vez desde agosto as duas botijas de gás cujo preço (das duas) não chegou aos 22 euros. Vantagem a juntar ao do gasóleo que está nos 75 cêntimos o litro. A empregada doméstica aufere 25 euros ao dia por 9 (nove) horas de trabalho semanal aqui em casa, e o jardineiro 25 ao mês por vir cá tratar da horta e do jardim.

Para a semana o novo presidente da câmara da Ribeira Grande toma posse e logo veremos como vai aceitar a minha proposta cultural. Entretanto preparo o 5º colóquio da lusofonia em Bragança para outubro 2006 e acedi à vontade da família em que lá fossemos passar o Natal (ao continente), espero que isto se não torne num hábito que estas viagens custam mais de €500.00 ida e volta para os três e há coisas mais importantes a fazer por esse custo.

Que venham cá todos ver-nos era bem mais simpático.

Constato que está a chover, depois de 3 dias secos, o que é anormal aqui. Começo a sentirme em casa ou será que com a humidade já estou a criar raízes?

As pessoas aqui apesar de serem aparentemente lentas, têm longas horas de trabalho: no café trabalha um genro do dono que começa nas obras pelas 08.00 e quando acaba vai trabalhar no café até às 24.00... e exemplos destes há mais. As horas são longas, a semana tem pelo menos seis dias de trabalho, quando não é na agricultura que aí são sete...

As pessoas andam quilómetros a pé ou de cavalo para as distâncias que não sendo grandes são através de percursos acidentados e íngremes.

O nível socioeconómico é baixo e isso nota-se a olho nu. Os hábitos de banho ainda não estão arreigados e segundo algumas auscultações, mais ou menos discretas que fizemos, ronda um banho semanal.

A TV local transmite apenas a RTP1 e a RTP Açores. Só há 32 mil lares ligados à TV-Cabo num universo de cerca de 150 000. A Rádio transmite a RDP (Antena Um e Antena 2) e TSF com conteúdos locais e existem umas outras estações insulares.

A vida é calma, todas as pessoas nos conhecem e cumprimentam, mesmo que a gente as não conheça. Toda a gente sabe onde moramos. No café (à noite a frequência é exclusivamente masculina) falam logo mais baixo quando entramos e voltam a falar mais alto depois de sairmos. Pormenores ou apontamentos desta viagem aos Açores que promete ser a grande e última diáspora: duma ponta oriental do Império (Timor) à outra ponta mais ocidental (Açores).

Crónica 7

Açores, novembro 9, 2005

A APRENDER A VIDA INSULAR

Aqui vão mais algumas notas e observações sobre a vida insular.

Há uma semana estávamos a tomar café no café da esquina que é propriedade do nosso senhorio e Presidente da junta de freguesia, quando fomos abordados por um senhor que nos convidou a ir (nessa noite de sábado) ver uma passagem de modelos no salão dos bombeiros.

Sem sabermos quem ele era, pensávamos e ainda hoje não o comprovámos, que era o chefe dos bombeiros da Lomba da Maia. Pelas 21 entrámos no salão que já estava apinhado de gente, na sua maioria jovens, mas bem composto de mães e pais de família e algumas crianças. Ao fim duns 5 minutos fizeram sinal para que viéssemos para a frente pois tínhamos umas cadeiras reservadas junto à passerelle. Ao som de música e com efeitos de fumo a cerimónia começou e nela desfilaram 20 jovens (os mais novos entre os 3 e os 10 anos) durante uma hora e tal. Bastante bem organizados e com um certo profissionalismo, deixaramnos surpreendidos pois jamais esperávamos encontrar numa aldeia rural um 3º desfile de modelos e roupas.... A participação popular - como era de esperar - constava dos jovens do sexo masculino embasbacados e atrasados mentais frustrados, como é habitual nestes eventos, mas havia muitas jovens, pais e mães. No fim do desfile, houve um discurso de agradecimento no qual se mencionava a presença de pessoas do Continente (éramos os únicos) e de várias aldeias e vilas limítrofes. O João foi entrevistado pelo apresentador e acabou por engasgar-se no nome dele, disse que éramos de Bragança, enfim os nervosismos próprios de quem tinha acabado de participar durante o intervalo num Bingo a favor dos Bombeiros e estava rodeado de três ou quatro amigos aqui da aldeia.

Ficou todo contente porque primeiro tinha ido à primeira sessão de fado há umas semanas atrás e agora foi à primeira passagem de modelos da sua vida...

O curioso é que este evento teve lugar, o que é uma ótima iniciativa, que visa a participação dos jovens, em vez de os abandonar à sua sorte e desespero como tem acontecido esta semana em França. Assim, eles participam e ocupam umas horas do seu tempo numa atividade sem fins lucrativos mas de vasto alcance social. Esta aldeia tem iniciativas comunitárias bastante dignas de encómios, para além das tradicionais procissões e festas anuais que visam perpetuar tradições.

Hoje quando vinha de levar o João à escola deparei-me com um grupo de seis cantoneiros que cortavam os arbustos e desmatavam as bermas da estrada. Lembrei-me da minha infância em Portugal em que os cantoneiros nas estradas solitárias de Trás-os-Montes faziam o mesmo, levando a mão ao boné num cumprimento. Perdeu-se esse uso no continente mas mantém-se aqui. As estradas estão sempre embelezadas por flores da época, começou com as hortênsias de junho a agosto, depois vieram outras amarelas que pareciam candeeiros e não sei como se chamam, em outubro foi a vez dumas azuis. Bem sei que isto é fértil e húmido e daí não ser difícil florescerem, mas a verdade é que as estradas (e estou a falar de vias municipais e caminhos rurais) estão bem enfeitadas e sem arbustos. Um sério contraste com o abandono que se verifica no Continente onde as Juntas de Freguesia nem dinheiro têm para mandar limpar as bermas das estradas.

A terra tem tremido menos ou nós mal os sentimos, enquanto nos acostumámos a este novo e diferente clima, com pequenas variações de amplitude térmica anual e diurna, mas onde faz frio mesmo que os termómetros não o digam, onde no verão a humidade fazia dos 26° C um calor semelhante a 35° C e onde agora 17° parecem 5°... pois a humidade penetra e se há vento então é cortante. Não há geada mas o carro aparece coberto duma camada de humidade fina. A mesa onde está o xadrez se não for limpa todas as semanas cria mofo.... Vou ter de me aventurar a adquirir um desumidificador como tinha em Macau.

Há dias fui à farmácia da Maia onde nunca tinha entrada pedir um medicamento que aparentemente necessita de receita, e a senhora farmacêutica lá mo aviou (se bem que contrariada) sem receita e lá me foi dizendo que a minha mulher que era professora, ali ao lado, lá tinha estado dois dias antes.... Aqui todos nos conhecem e nós não conhecemos ninguém. Quando contratámos a auxiliar de ação doméstica ela já sabia onde morávamos e que íamos todas as manhãs tomar café aqui ao lado, apesar de nunca termos visto a cara dela antes. Além disso um filho dela é aluno da Nini ...

O João continua a chegar a casa, e depois dos trabalhos feitos, lá vai na sua trotineta visitar os amigos que vivem a uns 300 metros daqui, voltando pelas 18.00 para tomar o seu duche, pôr a mesa e brincar até se deitar. Adora isto e se lhe perguntam diz que isto é melhor do que o continente.

Muitas vezes uns primos que vivem em Ponta Delgada nos telefonam a perguntar quando lá vamos à civilização, e embora por vezes isso faça bem, o certo é que a maior parte das vezes sentimo-nos bem aqui...

Além do projeto cultural que enviei às autoridades para apoio e aprovação estou a pensar numa dinamização do turismo local mas deixo os detalhes para mais tarde...

Felizmente nas últimas semanas entrou imenso trabalho de tradução e como é habitual, o PC principal deixou de funcionar... tive de o mandar para o Porto (onde se constatou que não tinha nada de deficiente...) pois aqui nunca há peças e se me dissessem que era a placa gráfica tinha de esperar umas semanas até chegar outra... essa é uma das graves deficiências locais, nunca armazenam nada, e dependem de Lisboa para todas essas coisas que deviam existir localmente em estoque ou serem fabricadas cá as que pudessem ser fabricadas. Falta ainda um certo engenho e ousadia a esta gente, mas depois de começar a ler um livro intitulado A GENTE DOS ACORES (de Caetano Valadão Serpa, edição Prelo Editora de julho/agosto 1978) já começo a perceber porquê... resquícios do feudalismo que aqui imperou e ainda se manifesta coartando toda a iniciativa.

E assim vou aprendendo

Crónica dos Açores n.º 8

19 de outubro 2005

DOS CAGARROS AO CHÁ AÇORIANO E AO MEU 7º ANO DO LICEU

O meu filho ontem estava muito preocupado porque os colegas lá na Escola andavam a fumar cagarros. Para quem não sabe os cagarros são uma ave típica daqui que nada tem a ver com os charros que se fumam.

19 de outubro Campanha SOS Cagarro 2005

Irá decorrer mais uma vez este ano a Campanha de sensibilização ambiental e conservação do cagarro. Esta Campanha foi iniciada há 10 anos atrás pelo DOP e pela DRA. A Campanha tem como objetivo primordial envolver as populações no salvamento dos cagarros juvenis junto às estradas e na sua proximidade. A Direção Regional do Ambiente organizará, no próximo dia 21 de outubro, pelas 16:00 uma sessão pública sobre o tema "como salvar um cagarro..." a qual ocorrerá na Ecoteca do Faial, sita no Castelo de São Sebastião

CAGARRO

Calonectris diomedea borealis

O Cagarro é a ave marinha mais abundante nos Açores, totalizando cerca de 97500 casais reprodutores. A população nidificante açoriana representa 74% da população mundial da subespécie Calonectris diomedea borealis e 52% da espécie Calonectris diomedea. Para além dos Açores, esta ave nidifica também nos arquipélagos da Madeira, Berlengas e Canárias.

A envergadura das asas do cagarro varia entre 100 e 125 cm. As fêmeas pesam em média 780 g. Os machos são maiores do que as fêmeas e aproximam-se das 900 g.

Esta ave nidifica ao longo do litoral de todas as ilhas e em alguns ilhéus, incluindo setores inacessíveis Ilustração: Gonçalo Cabaça – ImagDOP em falésias. Para fazer o ninho escolhe preferencialmente cavidades naturais e fendas na rocha, podendo também reutilizar luras de coelho no solo ou escavar o seu próprio buraco, que pode atingir alguns metros de profundidade.

O ciclo reprodutor tem uma duração de quase 9 meses, estendendo-se desde finais de fevereiro até finais de outubro, e apresenta grande sincronia



entre as diferentes fases. A postura ocorre de fins de maio a início de junho, a eclosão nos finais de julho e a emancipação dos juvenis entre finais de outubro e início de novembro. Após esse período, os cagarros reúnem-se em grandes bandos e efetuam migrações trans-equatoriais, nomeadamente, para a costa do Brasil e do Uruguai.

No mar é frequente observar bandos de cagarros a alimentar-se em associação com outros predadores marinhos, tais como cetáceos e tunídeos, que dirigem as potenciais presas para a superfície. Na sua dieta incluem-se pequenos peixes pelágicos (como por exemplo, chicharro ou cavala, pequenas lulas e crustáceos. Os seus cantos são peculiares e inesquecíveis. O seu voo é caraterizado pelos poucos movimentos de asas e pela agilidade com que rasa as ondas. Em contrapartida, quando aterram e têm de se deslocar em terra são muito desajeitadas.

O grande declínio que as suas populações mundiais registaram nas últimas décadas levam a considerar esta espécie como vulnerável.



"Em meados de maio, com a postura de um único ovo por casal, dá-se início à história da vida das cagarras. A cria entretanto nascida permanecerá em terra até meados de outubro, momento em que os progenitores deixarão de aportar à ilha para a alimentar. Durante alguns dias os jovens vivem das suas reservas até que são obrigados a enfrentar o mar. Divagarão

pela imensidão do Atlântico durante pelo menos 7 anos, avistando ao longe as costas de Pernambuco e da Nova-Inglaterra, regressando à ilha natal quando atingirem a maturidade sexual onde disputarão um local para nidificar de preferência próximo ao sítio onde nasceram. Se sobreviverem a temporais, lutas, armadilhas em terra e no mar, viverão mais de três décadas entre o mar e o céu apenas vindo a terra para se reproduzir."

Retirado do livro *Percursos - Paisagens e Habitats de Portugal* da editora Assírio & Alvim Recorte de jornal – a história de um cagarro com 23 anos

Ora bem, lá lhe tivemos de explicar que era difícil fumar estes animais mesmo quando eles eram recém-nascidos ou jovens que estão a ser objeto do projeto SOS Cagarro... se calhar havia colegas lá na escola era a fumarem charros... ainda um foi levado para a esquadra há umas semanas...

Há cerca de duas semanas fomos convidados pelo Sr. Presidente da Junta (o nosso soba como afetuosamente o considero, em vez de o tratar como Regedor que é cá do sítio) que por acaso é o nosso bem amável e prestimoso senhorio. Disse para irmos pelas 10 horas de domingo para assistir à matança do porco ou pelas 11 se não quiséssemos assistir ao evento. Assim fizemos, que nisto de não ver o que os pobres animais sofrem quando são preparados para nos servirem de alimento é sempre mais saudável. Ainda ontem o Sir Paul McCartney, esse grande Beatle se recusou a ir à China pela forma como ele tratam os animais. Ah se ele visse como os portugueses tratam os animais quando vão de férias e os abandonam nunca mais cá vinha...

Bem, lá fomos e fomos recebidos pela mulher do nosso anfitrião que às quartas e sábados é a cabeleireira cá da aldeia, de avental porque estava na cozinha a aprontar os comes. Foi-nos mostrar a mansão que tem uns cinco quartos, quatro casas de banho, duas salas de estar e duas de jantar, mais uma falsa (sótão) e cá fora havia um pátio tipo árabe, com um enorme barbecue (BBQ) com ar de pouco uso. Depois era um quintal a sério (eu achava que o nosso era grande com os seus 25 por 80 metros, mas aquilo ali era maior que um campo de futebol, com a sua horta e estufa para morangos, várias plantas para consumo doméstico, e uma casa anexa onde se procedia aos preparativos do porco. No jardim pastava uma burra nova sem sela que faria as delícias do nosso rebento João durante horas.

Nessa zona do terreno estava um animal encorpado a ser depilado, da raça porcina aí com uns 200 a 300 kg de corpo já imóvel e exangue. Em sua volta estava o sogro do nosso Régulo com os seus ágeis 81 anos, um genro que é o nosso canalizador, pintor, e outras coisas como reparador de telhas (lembram-se da tempestade em que chovia cá dentro, ele foi o homem das telhas nessa altura, como já tinha sido o que nos canalizou a máquina de lavar louça, etc.). Estava ainda outro jovem que era o futuro genro, da filha que está a estudar nas Caldas. Esta não estuda a louça das Caldas mas sim num curso de animadora cultural que creio nada terá a ver com as obras do Rafael Bordallo Pinheiro pois que esta não é conducente a ser bem aceite pela moral estrita cá da terra. Estava ainda a filha mais velha do casal que nos dias de semana toma conta do café do pai onde vamos tomar a nossa bica/Pavoni/Cimbalino, etc....

Havia ainda outra casa no terreno que continha uma garagem/armazém onde cabem o Mercedes do dono, a carrinha de vaqueiro e vários outros utensílios agrícolas, ladeada por um salão enorme com cozinha totalmente apetrechada, forno, etc. onde se encontravam outros membros de sexo feminino cá da comunidade.

Depois das apresentações dos membros da família que ainda o não tinham sido formalmente aos forasteiros e dada a volta pelas instalações domésticas, o João foi andar de burra pela arreata da mãe e o pai ficou a observar paulatinamente que é para isso que ele cá tem fama de escritor, tudo observando e nada mais fazendo.

Quando viemos para dentro a dona da casa disse que era costume os homens servirem-se primeiro e só depois noutro compartimento, mas que ela pusera um lugar na mesa dos homens ao meu lado para a Nini se sentar. Obviamente que em terra de romanos se faz como eles, pelo que ela prontamente se dignou aceitar a honra de ser mulher e ser só servida duas ou três horas depois de os homens terem degustado os melhores pedaços do porco recém abatido. O João apesar de criança teve lugar na mesa dos homens o que lhe deu um certo espírito machista sempre útil nesta idade de afirmação identitária.

Depois do almoço, os homens que fumavam vieram cá para fora e aí tive uma conversa deveras interessante com o futuro genro, o Tiago, através do qual vim a saber que era o herdeiro da Casa de Chá da Gorreana (a quem eu inicialmente tinha a mania de chamar gonorreia por achar que os dois nomes eram similares). Convém abrir aqui um parêntesis para explicar que uma casa de chá nesta ilha não é um sítio onde se vai pelas 5 da tarde tomar uma "cup of tea" mas sim onde se planta, trata e vende o chá. Aliás é uma das duas únicas explorações de chá da Europa, sendo a outra a de Porto Formoso (a 5 km desta) onde fomos em agosto ver o plantio, tratamento e demais aspetos da produção do Pekoe, Orange Pekoe do Broken Leaf (adiante se transcreve este processo).

Breve nota histórica

A utilização do chá, ao que parece, começou por ter um caráter medicinal e o seu uso como bebida, preparada a partir da infusão das folhas de chá, data de há milénios. Segundo a lenda deve-se ao imperador chinês Shen Nung (2737 A C.) a descoberta das propriedades estimulantes da folha do chá. O tratado de Lu Yu, primeiro tratado sobre chá com caráter técnico, escrito no séc. VIII durante a dinastia Tang ajudou a imortalizar o papel da China como responsável pela introdução do chá no mundo. Nele foram estipulados pela primeira vez uma série de preceitos de caráter técnico. No início do séc. IX a cultura do chá foi introduzida no Japão por um monge budista, Saicho, que trouxera da China algumas sementes. A cultura resultou com êxito e desenvolveu-se rapidamente. Produziu-se então nestes dois países, China e Japão, uma evolução extraordinária, Talvez única na história dos produtos de consumo humano e que tocou não só o domínio técnico e económico mas também, e principalmente, os domínios artístico, poético, filosófico e mesmo religioso, envolvendo o consumo de chá nestes dois países, mas principalmente no Japão, um cerimonial por vezes complexo mas sempre de grande significado.

A Europa só conheceu o chá num passado mais recente. As referências mais antigas que se encontram na literatura europeia respeitantes ao chá devem-se a Marco Polo no relato da sua viagem assim como a seu compatriota Ramusio, em escritos que datam de 1559, e ao português Gaspar da Cruz que a ele se refere numa carta dirigida ao seu soberano. A sua introdução neste continente só se veio a verificar no início do séc. XVII, em consequência do comércio que então se estabelecia entre a Europa e o Oriente. Teriam sido os holandeses a trazer pela primeira vez o chá à Europa, sendo responsáveis pela intensificação do seu comércio mais tarde desenvolvido pelos ingleses. O chá era importado por intermédio da famosa "Tea English East Indian Company", que detinha o monopólio do comércio de chá com a Ásia e que em 1715 se estabeleceu em Cantão passando a gozar de uma situação privilegiada. Esta manteve-se até 1833, altura em que se viu forçada a procurar novas fontes de abastecimento; virou-se então para as possessões da Inglaterra na Ásia (Índia e Ceilão) onde introduziu a cultura, primeiro na Índia e depois em Ceilão.

Na Inglaterra, o seu consumo intensificou-se rapidamente e a partir de meados do séc. XVIII o chá tornou-se a bebida de eleição de todas as classes sociais. É de sublinhar a popularidade que ainda hoje goza neste país, sendo bem conhecido o lugar que esta bebida ocupa na vida de todo o cidadão britânico. A sua popularidade estendeu-se aos países onde a influência inglesa se fez sentir, primeiro nos EUA depois a Austrália e o Canadá. Atualmente o chá é a bebida mais consumida em todo o mundo.

Em território português, presentemente, o chá só é cultivado em S. Miguel nos Açores onde a cultura, que se pratica desde finais do século XIX, é feita contudo em pequena escala. Apesar de no Continente ter sido tentada a sua cultura, nomeadamente no Minho e no Alentejo, hoje restam apenas algumas destas plantas, que existem com caráter ornamental.

Botânica

A planta do chá é designada por Camellia sinensis (L.) O. Kuntze e botanicamente pertence à família Theaceae. A planta do chá é lenhosa e de folhagem persistente. As folhas são alternas, de pecíolo pequeno, elípticas, dentadas e normalmente coriáceas, apresentando-se glabras ou ligeiramente pubescentes na página inferior ao longo da nervura principal. As suas folhas mais jovens e os gomos, parte da planta utilizada na produção do chá comercial, são cobertos por um fino indumento branco e sedoso que mais tarde vem a desaparecer. É este indumento, aliás, que está na origem do nome dado ao gomo terminal: Pekoe, da palavra chinesa pak-ho

que significa cabelo ou penugem.

As flores, pequenas, são brancas, geralmente com 4 ou 5 pétalas, aromáticas e aparecem nas axilas das folhas em grupos de 2,3 ou 4.

O fruto é uma cápsula tricoca com 2 ou 3 cm de diâmetro. Dada a grande dispersão que a planta sofreu desde o início do seu cultivo até aos nossos dias e a livre hibridação entre os vários tipos geográficos, não tem sido fácil para os botânicos a descrição das variedades existentes.

Contudo, atendendo ao fator geográfico, consideram três variedades principais de Camellia sinensis, que podem ser reconhecidas na região de origem desta planta. São elas: var. sinensis (chá da China), var. assamica (chá de Assam) var. assamica ssp. lasiocalyx (chá do Camboja ou Indochina). Estas variedades cruzam-se entre si originando múltiplos híbridos.



Flor e folhas de Camellia sinensis (planta do chá).

A Produção do chá nos Açores

Em 1874, chegaram aos Açores (Ilha de S. Miguel) as primeiras sementes de C. sinensis - a planta do chá - e, alguns anos mais tarde, foram chamados dois especialistas chineses que se dedicaram a ensinar aos fabricantes locais as técnicas de preparação das folhas. Todas as variedades de chá provêm dos rebentos jovens desta planta, as diferenças derivam do clima, do período da colheita e do tratamento a que são submetidos posteriormente. Chegaram a funcionar na Ilha de S. Miguel mais de uma dezena de plantações com fábrica própria. Entre elas encontrava-se a Gorreana que é atualmente, a única plantação com fábrica de chá de toda a Europa.

A Gorreana explora 23 hectares, uma área capaz de produzir cerca de 40 toneladas de chá seco. São necessários em média, cerca de 4 kg de folhas de chá fresco para obter 1 kg de chá seco pronto para infusão. A Gorreana produz chá verde e chá preto ortodoxo, assim designado porque durante o processo de transformação das folhas estas ficam na sua maioria, enroladas e inteiras - tal como acontecia com o chá que era trabalhado com as mãos e não por meio das novas tecnologias, que deixam as folhas partidas ou esmagadas. O processo de transformação tradicional ortodoxo do chá compreende várias fases:

- a) Emurchamento esta operação tem como objetivo murchar a folha, ou seja, fazê-la perder água por evaporação, para que não quebre durante a fase seguinte de enrolamento. As folhas são estendidas em camadas finas em tabuleiros sobre redes metálicas através das quais se faz passar uma corrente de ar quente, a temperatura controlada, forçada por ventiladores. As folhas pelo emurchamento perdem cerca de 25-50% do seu peso, este processo demora cerca de 16 a 24 horas;
- b) Enrolamento esta operação consiste em enrolar a folha. A destruição das membranas celulares permite o contacto dos vários componentes químicos com as enzimas. O enrolamento começou por ser manual, mas atualmente é feito numa máquina, esta consiste essencialmente, numa mesa e num tabuleiro onde se colocam as folhas e uma tampa que exerce pressão sobre

elas. Um movimento de rotação faz girar a mesa e o tabuleiro em sentidos contrários. As folhas passam em seguida por um crivo que desfaz os aglomerados de folhas e separa as folhas mais finas das mais grossas, que voltam, geralmente a ser enroladas. As que passam pelo crivo seguem para a fermentação. Este processo demora cerca de 30 minutos, mas pode ser repetido 2 ou 3 vezes, pois se o chá ficar insuficientemente enrolado origina infusões mais fracas.

- c) Fermentação as folhas são espalhadas em camadas de altura variável de 2,5 a 10 cm sobre uma superfície de cimento, de ripado ou em tabuleiros de alumínio. A fermentação exige a presença de oxigénio (trata-se em termos químicos de uma reação de oxidação) e uma temperatura que não exceda os 27 °C, além de uma atmosfera húmida. A fermentação demora cerca de 2 a 3 horas.
- d) Secagem esta operação tem como principal objetivo, parar a fermentação. A sua duração depende da humidade da folha, normalmente demora cerca de 20 minutos, a 90 °C. A secagem faz-se mediante uma corrente de ar quente que atravessa os tabuleiros.
- e) Escolha, armazenagem e embalagem Depois de arrefecidas, as folhas são separadas de acordo com os seus diferentes tamanhos. Esta separação é efetuada geralmente em crivos rotativos ou pratos oscilantes associados a máquinas que quebram as folhas e outras que aspiram poeiras ou corpos estranhos. O chá é depois armazenado em tulhas ou silos até à altura de ser embalado.

A seleção das folhas dá origem aos diferentes tipos ou graus de chá preto. Entre outros, destacamos os diferentes tipos de chá preto produzidos pela Gorreana (Açores), o Orange Pekoe (feito a partir do gomo apical e da 1ª folha do rebento, muito enrolado, resultando numa rica infusão, com sabor e perfume delicados), o Pekoe (originário da 2ª folha tem um paladar e aroma menos acentuado) e o Broken Leaf (feito a partir da 3ª folha e de folhas partidas, é menos aromático mas mais suave).

O chá verde difere ligeiramente no processo de transformação, após a colheita as folhas são sujeitas a um processo de "steaming", que consiste na aplicação de vapor de água o que leva à inativação de enzimas (polifenol oxidades), impedindo a fermentação (ou mais corretamente a oxidação). As folhas são depois enroladas, secas e de novo enroladas. Ficam no final, com uma cor verde-azeitona, escura e inteiras.



emurchamento do chá.



Tabuleiros onde se processa a fermentação do chá.



Secagem das folhas de chá.



Crivos que separação as folhas de chá de acordo com o seu tamanho, dando origem aos diferentes tipos de chá preto.



Seleção e embalagem do chá.



Máquina que gera vapor, onde se colocam as folhas de chá e se desenrola o processo de "steaming" que inativa as enzimas responsáveis pela fermentação, originando assim chá verde.

Composição química do chá

Na composição de um rebento de chá, cerca de metade da matéria seca é insolúvel em água e dela fazem parte a fibra bruta, celulose, proteínas, gorduras, amido, etc. Por sua parte a matéria seca insolúvel em água contém polifenois, aminoácidos, cafeína, açúcares e ácidos gordos. A cafeína é um composto que pertence ao grupo dos alcaloides derivados das purinas. Na sua forma pura a cafeína é uma substância cristalina que apresenta um gosto amargo. Entre os efeitos da cafeína no organismo humano é de salientar a sua ação estimulante do sistema nervoso central. A folha de chá contém teores normalmente compreendidos entre 2,5 e 5,5 %. Nos grãos de café anda à volta de 1,5 %. O teor em cafeína varia nas diferentes partes do rebento da planta. É maior no gomo terminal e 1ª folha, decresce sucessivamente nas folhas menos jovens e é mínima no caule. O seu teor não se altera significativamente durante o processo de fabrico do chá preto. Os polifenóis são componentes da folha do chá que se

encontram em doses mais elevadas chegando a atingir cerca de 30% da matéria seca dos rebentos. Simultaneamente estes compostos são também os mais importantes e caraterísticos da folha do chá porque são os principais intervenientes nas alterações químicas que ocorrem durante o processo de fabrico do chá. É neles que têm origem uma série de outros compostos qualitativamente importantes para as caraterísticas do produto final e também da bebida resultante. A maioria dos polifenóis identificados nos rebentos verdes da planta pertencem ao grupo dos flavanóis ou catequinas, são essencialmente a matéria que irá ser oxidada durante a fermentação. Foram identificados vários flavanóis na folha verde do chá, entre os que existem quantidade encontram-se а catequina, galhocateguina, epigalhocateguina e os ésteres gálhico dos dois últimos compostos, respetivamente galhato de epicatequina e galhato de epigalhocatequina. Os flavanóis encontram-se em pequenas quantidades nas folhas verdes; incluem a quercitina, o quempferol e a miricitina e ainda, os 3 glucósidos derivados destes compostos. Entre os ácidos fenólicos e seus derivados identificados nas folhas de chá referem-se o ácido clorogénico, o ácido elágico e o ácido pcumarilquínico, entre outros. O teor de polifenóis do rebento varia de acordo com vários fatores, um deles é a idade da folha e restantes porções do rebento, as variações sazonais e ao ensombramento. Dentre os aminoácidos presentes no chá o mais abundante é a chamada teanina, identificada como 5-N-etilglutamina. Um outro grupo muito importante é as enzimas, em particular as responsáveis pela oxidação dos polifenóis e das catequinas durante a fermentação. Na folha encontram-se diversas vitaminas entre as quais a riboflavina (vitamina B2) que se mantém durante o processamento do chá. Também contém ácido ascórbico (vitamina C), que é totalmente oxidado durante o processo de fermentação.

Ora bem, este jovem Tiago, noivo da filha do meu senhorio, é sobrinho do falecido Melo Antunes, esse coronel que eu conheci como major nos idos de 1973 e a quem devo quase tudo da minha indoutrinação politica quando com ele coabitei em Leiria durante os meses de abril a setembro 1973. Falámos longamente da atividade do Melo Antunes e do seu primeiro casamento com a irmã da mãe deste Tiago e vim a saber coisas interessantes dos tempos da grande conspiração anti-regime em que o Ernesto de Melo Antunes aqui esteve exilado (aliás ele foi recambiado pelo Marcelo Caetano uma segunda vez para melhor preparar aqui o golpe do 25 de abril em março de 1974. O regime era mesmo estúpido!!!)

Escusado será dizer que nas 24 horas seguintes vim a devorar o livro intitulado Melo Antunes o Sonhador Pragmático da autora Maria Manuela Cruzeiro e Boaventura Santos, editado pela Círculo de Leitores e adorei. Nuca me passara pela cabeça que esta terra simpática e de gente afável podia ter sido o cojo de tais arrivistas revolucionários que destroçaram o Império Português...

Tal como outra pessoa antes dele me havia impressionado positivamente DE 1965 A 1967, quando foi meu professor de Moral no antigo 6º e 7º ano do Liceu, o Padre Mário de Oliveira, o famoso padre Mário de MACIEIRA DA LIXA (Felgueiras) adiante na imagem, sentado ao meu lado esquerdo (de que lado mais poderia ele sentar-se?). Tudo isto nas imagens se passa em maio 1967 escassos meses antes de ser enviado como Capelão Militar para a Guiné em novembro desse ano, e onde esteve até março 1968 ser expulso de capelão militar por pregar o direito dos povos colonizados à autonomia e independência.

O jovem careca numa das fotos é o Gomes da Torre atualmente professor jubilado da Faculdade de Letras que quando era estagiário e meu Prof. de Inglês discutiu em pleno exame de 7º ano na oral com o Carlos Macedo, o jovem de mão no queixo à direita na foto que *leather* era para os humanos e *skin* para os animais. Curiosamente fui re-encontrá-lo em maio de 2005 numa Conferência do ISAI onde obviamente não lhe recordei esse incidente.... Mas curiosamente ele lembrava-se de mais pessoas nestas fotos que eu próprio incluindo os nomes deles. Devemos ter sido uma turma inesquecível.

Creio também que foi nesta noite que apanhei o meu pifo, dai já se estarem todos a rir com o meu brinde, a pensarem que tinham de me trazer a casa...



O jovem, de óculos é o Mário Dessa, ao lado do Carlos Macedo, e atrás deste estão o Chico Nazaré e Tó Paim. Ao lado da professora de Filosofia está o Rui Terrasseca (melhor aluno)



Bom, voltemos aos Açores, onde o porco estava ótimo. Pelas 4 da tarde já as mulheres tinham todas almoçado (nós almoçamos pelas 12:30) e vim para casa trabalhar enquanto a Nini ficava a ver fazer as morcelas e a burra já fugia do João e pedia folga.

Nestes dias mais recentes aconteceu uma coisa inevitável: tivemos de comprar um aquecedor porque embora a temperatura nunca tenha baixado de 11º C o certo é que a humidade matanos e à noite é um frio de rachar na sala de jantar/cozinha e sala de estar.

Tentei a Worten e liguei para lá mas o modelo que escolhera pelo catálogo da Internet não existia nos Açores, disseram-me que podia para o continente e só demorava uns 21 dias a chegar, mas eu tinha de pagar portes. Perguntei-lhes que mais modelos tinham e disseram-me que nenhum... Vim a saber mais tarde nesse que apenas 17% dos lares açorianos dispõem de aspirador, e eu queria um aquecedor catalítico grande a gás? Liguei para a Singer, Worten, e outras marcas aqui representadas e nada. Acabei por descobrir na cadeia local de hipermercados Solmar aqui perto na Ribeira Grande três ou quatro modelos entre os 80 e os

120 euros. Fomos lá ver os modelos e acabamos por trazer um. Nisto e como em muitas outras coisas os Açores fazem-me lembrar Timor entre 1973 e 1975. Querias um rádio então tinhas de esperar pelo barco para encomendares e passados seis meses depois de encomendares o barco trazia o que querias de Singapura ou Hong-Kong. Aqui é em tudo semelhante. Nunca há nada disponível e tudo vem do continente. Uma dependência que me espanta ou talvez não.

Bem com o aquecedor no carro pensei que era só chegar a casa e ligar... mas não, além da botija de gás butano convencional tive de comprar um tubo de 30 cm com capacidade de x disto e y daquilo para uma pressão de z bars, com um acoplador para a botija e duas abraçadeiras, o que fiz aqui na loja de ferragens da aldeia que também vende botijas de gás.

Finalmente nessa noite iria ver TV sem congelar.

No dia seguinte ainda satisfeitos com o calorzinho que à noite tivéramos a ver TV a Nini resolveu meter-se no duche, porque as banheiras aqui só em casa de ricos, e qual não é o meu espanto quando a certa altura me chama lá de baixo, porque estava aqui em cima na falsa a trabalhar no PC a dizer que não tinha água quente. Fui a correr trocar a botija mas nada. O esquentador não arrancava, a chama piloto acendia, acendia a luz indicadora verde mas a chama não irrompia nos seus tons flamejantes e quentes.

Fui a correr ao café ver se encontrava o maiorial - dono da casa - a quem contei o infortúnio e ele disse-me que sendo assim não podia dizer à minha senhora para ir lá a casa dele tomar banho e aquela hora ia ser difícil, mas como estava ali um eletricista, ele viria cá ver. Assim se fez e o jovem prestável eletricista veio, viu os circuitos elétricos e inteirou-se daquilo que já narrara sem poder acrescentar nada visto que o problema era obviamente doutra origem que não elétrica.

Depois tivemos – eu e o João – de aquecer na chaleira elétrica dois litros de água que metemos num recipiente misturando com água normal fria da torneira para ajudar a tirar a espuma de cima da minha cara-metade que se queixava de que estava cheia de frio (estava assim há cerca de 20 minutos) e ora se queixava da água estar a ferver ou demasiado fria, mas lá acabamos por conseguir e ela saiu do chuveiro.

Cerca de 24 horas depois, e após terem cá passado por casa mais dois ou três pessoas que não eram especializadas na matéria mas queriam tentar resolver o problema, veio finalmente um técnico de esquentadores que se deslocou da cidade da Ribeira Grande a ver o que se passava. Eram impurezas acumuladas, provavelmente durante a fase de obras a que esta casa foi sujeita antes da nossa chegada, haviam impedido o normal funcionamento do aparelho que é novo e está no prazo de garantia. Mais um problema resolvido, estes burgueses citadinos ainda têm uma certa dificuldade em lidar com as adversidades de quem vive num meio rural.

A investigação em Portugal é deficitária e não existem estudos suficientes em determinadas épocas que permitam avaliações satisfatórias, a quem gosta de perceber melhor o nosso passado. Uma das questões que sempre me atraiu, foi perceber melhor foi a verdadeira razão que existiu para determinar a expulsão dos judeus e dos mouros de Portugal, que foram (1º) uma "mina" de ouro para a coroa portuguesa em especial para D. João II, (2º) eram fundamentais para a economia portuguesa, o rei D. Manuel I não queria, tentou tudo para o evitar, cometeu atrocidades ao que julgo saber contra o seu caráter e acabou por fazê-lo. Porquê?

Para os açorianos, D. Manuel foi um divisor de águas. Como donatário criou os senhorios (ou capitães) que dirigiam as ilhas, resguardados os direitos da Coroa de vida ou morte sobre as pessoas e da Ordem de Cristo, a jurisdição a espiritual, fundou as vilas de Ponta Delgada, Ribeira Grande, Água de Pau (São Miguel) e a vila de São Sebastião (Terceira), organizou o foral alfandegário, criou as Misericórdias nas principais povoações do arquipélago, além de vários outros melhoramentos que alavancaram a economia das ilhas atlânticas.

E pronto como hoje andam todos a celebrar o desastre de 1 de dezembro de 1640 eu resolvi antes recordar que o jovem Miguel da Paz nascido em 1499 tinha sido Rei de Portugal e de Espanha se não morresse ao fim de dois anos. É verdade amigos, tudo isso mas como são interessantes os "pequenos detalhes" da História, que vieram legalizar de pleno direito a sucessão de Filipe II de Espanha ao trono de Portugal em 1580, por morte sem descendência do herdeiro varão o cardeal D. Henrique com 68 anos, 9º filho do rei D. Manuel I, pelo que a

candidatura de Filipe é fortíssima e praticamente indiscutível, já que resultava do casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V (I de Espanha), pais do "nosso" Filipe.

Os tais detalhes da vida que determinam o curso da História...

Paradoxalmente algum tempo antes desse acontecimento a situação poderia ter sido de certo modo invertida, unificando as coroas ibéricas "para o nosso lado" *, pois em 1499 um menino chamado Miguel da Paz, primeiro filho de D. Manuel I com Isabel ** filha dos Reis católicos, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha.

Só que morreu com 2 anos. Há quem tenha saudades dos espanhóis, há quem tenha saudades do Salazar e ainda há quem tenha saudades do sonho chamado 25 de abril.

Quem me garante que éramos melhor como província espanhola do que independentes? Quem me garante que não seríamos hoje uma célula independentista como as da ETA? Quem me garante que teríamos aqueles magníficos jogadores de futebol? Eusébio nunca teria existido...

Figo não era um "pesetero" e Deco não tinha necessidade de arranjar outra nacionalidade porque como o Brasil tinha ficado espanhol e ele ia jogar mas era para Argentina. e se fosse ao contrário e a Espanha fosse hoje uma província de Portugal. Que aconteceria aos Bourbon, só tinham utilidade nos EUA onde eles bebem os Bourbons todos que podem, aqui ao lado entronam-nos e chamam-lhes Reis.

São conjeturas apropriadas de ler num dia destes mas os jornais não especulam sobre estas coisas sérias, antes se comprazem em ridicularizar os candidatos à Presidência porque um Levanta-se e Não Ri e o outro Ri mas já não se levanta!

E vou terminar com a cena do lixo. Aqui há recolha de lixo duas vezes por semana e fora isso só temos um ecoponto com as 3 cores da praxe. Cada casa tem o seu contentor assinalado com o brasão da cidade da Ribeira Grande a morada da casa. Só que este contentor é demasiado pequeno e enche rapidamente. Vieram recolher o lixo na terça-feira, hoje era quinta-feira, dia de recolha, mas sendo feriado, não houve lixo. Ora bem, nós já tínhamos o nosso cheio. Durante os primeiros tempos o João ia ali à esquina meter num contentor que julgávamos ser coletivo, mas depois disseram-nos que era da loja de ferragens.... E nunca mais lá metemos o nosso lixo... Hoje decido juntar os quatro sacos de lixo que se haviam acumulado desde terça-feira, juntá-los num daqueles sacos gigantes de 100 litros e ir ao pé do cemitério onde há um contentor que parece ser coletivo mas não deve ser, e como não há movimento junto ao cemitério ao fim da tarde lá metemos o nosso lixo.... Pequenos nadas que nos enchem o quotidiano de atividades interessantes.

E por aqui me fico. 1 de dezembro de 2005

CRÓNICA 9 DOS AÇORES.

11 DEZEMBRO 2005

QUATRO MESES INSULARES E REVISITANDO MACAU

Olá gente

Faz hoje quatro meses que escrevi a minha primeira crónica dos açores.

Isto continua a ser uma aldeia de gente trabalhadora, gente simpática, muito educada e cortês. Mas há peculiaridades para além do sotaque curioso.

Ainda ontem à noite quando saímos para ir ao café da esquina "Eurobar" constatámos que a Nini era a única mulher presente, de manhã e à tarde (até ao anoitecer) anda se veem mulheres de todas as idades em grupos, ou sós, mas de noite o café mais parece uma taberna cheia de homens a beberem os seus vinhos e cervejas e por vezes a jogarem às cartas.

A ida ontem ao café não estava planeada mas foi causada por uma inundação na casa de banho com a água a surgir da parte de baixo da sanita. O senhorio, dono do café e presidente da Junta lá nos disse que de manhã o genro cá viria resolver o problema. De facto, pelas 8 e meia cá estava. Desmontou a sanita, viu, e descobriu que a caixa de fossa onde se armazenam as águas da sanita e do banho estava muito compacta e não estava a escorrer para o esgoto da rua. O motivo aparentemente era devido à minha preocupação ecológica de reduzir os fluxos de água no autoclismo e que obviamente eram insuficientes para fazer a dissolução dos resíduos domésticos na caixa da fossa antes de esta desaguar no esgoto que

desce pela rua abaixo, presumivelmente até ao mar, pois aqui não há ETAR nem coisa que se pareça.

Está visto que a ecologia aqui não medra e causa destes problemas. Lá temos a sanita reposta e re-selada a descarregar 50 litros em vez de 15 ou 20 litros.

O João achou imensa piada e entreteve-se a descarregar água pela fossa abaixo para ajudar a dissolver os sólidos, um trabalho deveras assustador para um urbano citadino mas que este meu filho (cada vez mais rural) achou interessante.

Como se pode constatar a passagem dum ser urbano a rural demora menos do que se pensa quando se é jovem, mas a dificuldade aumenta proporcionalmente à idade.

Esta tarde tivemos cá a presença duns tantos miúdos da aldeia que vieram jogar como o João na sua PlayStation e no computador. Isto funciona quase como um OTL (Ocupação dos Tempos Livres) e tem bastante meios para as necessidades locais.

A Nini que entra agora na última semana do período não tem tempo para nada e esteve a trabalhar e a preparar coisas para a escola.

Decidimos entretanto que este ano será excecional pois iremos ao Continente passar o Natal, mas a partir de agora quem quiser que nos venha cá ver e visitar e/ou passar o Natal. Já em Bragança acontecia isto, e era sempre a nossa vez de ir passar o Natal ao Porto.

Aliás uma das queixas frequentes é o custo das passagens daqui para o Continente e viceversa, mas acho que é para a população local não ficar em minoria com a quantidade de pessoas do Continente que viria cá se fossem mais baratas, depois eram capazes de gostar e transformavam isto num inferno. Já em Bragança eu lhes dizia que era melhor não terem uma autoestrada para não perderem a boa qualidade de vida...

Há dias descobri o meu filho a fazer uma busca na internet de sexo livre. Ficou de castigo e pensei que ele era ainda um felizardo pois os ideais de 1968 ainda se justificam naquela cabeça. Mal sabe ele que nada é livre nesta vida e muito menos o sexo. Teve de levar uma repreensão a que acrescentei os perigos de vírus nessas buscas. Acabou por confessar que havia sido um colega mais velho do que ele que o incentivara a fazer a busca. Na idade dele escrevia eu românticos bilhetes de amor à filha do taxista que vivia em frente à casa dos meus pais. Lembro-me igualmente do grande desgosto por a jovem Tina (assim se chamava a jovem) nunca ter correspondido àquele bilhete. Mais tarde fizeram-me ver que seria, sem dúvida, devido às pressões sociais existentes mais do que a qualquer deliberada rejeição.

Creio que com a idade própria dos jovens em 1958 ainda me não apercebera das diferenças sociais e devo ter encontrado algo de atraente naquela cara, mas como os tempos mudam agora busca-se sexo livre aos nove anos.

Mais um problema que resultou na implantação de vários sistemas de censura de acesso a todos os pesquisadores da rede e controlo de acesso ao correio eletrónico e serviço de mensagens escritas.

O meu acesso na mesma idade restringia-se ao Meccano, a uns carrinhos metálicos com os quais fazia corridas aproveitando a forma de retângulo dos mosaicos do chão da casa de banho e pouco mais. Assistir a um Festival da Eurovisão era uma festa embora não me lembre quando eles se iniciaram, só igualada em prazer à escuta dos relatos radiofónicos dos jogos de hóquei em patins em campeonatos do Mundo com nomes míticos como Adrião, Velasco e Bouçós, muito antes do Livramento e outros nomes. O radio ficava no 1º andar e eu dormia no segundo andar pelo que era frequente ficar em pé a ouvir o relato, sem que os meus pais, a minha avó ou a empregada dessem conta dessa incursão. A minha irmã deveria ter uns 3 ou 4 anos e já estaria a dormir nessa altura. Pequenos prazeres proibidos do tempo em que ainda não havia televisão creio que a primeira chegou já eu teria uns dez ou onze anos lá para 1959 ou 1960. ainda me lembro da Isabel Ruth e do ator (Ruy?) Sacramento que já nessa altura devia ter uns 80 anos. Mais tarde vieram a Isabel Wolmar e o Fernando Mendes e nós estávamos ansiosos pelo início da emissão que era pelas 18 ou pelas 20 horas, a memória já não se recorda desses detalhes. Mais tarde lembro-me das noites de quinta-feira com as touradas no Campo Pequeno.

Dia 12 dezembro 2005, à noite, assisti a um programa dos canais generalistas de televisão, "Prós e Contras" da Fátima Campos Ferreira, o que raramente faço, pois estava interessado em observar o que iria ser dito seis anos após a transição do poder em Macau. Para os que não sabem ou não se lembram ali estive colocado de dezembro 1976 a março 1982, embora só lá tivesse vivido a partir de 15 janeiro de 1977 e até 15 janeiro 1982. Pouco sei de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora ainda consiga balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, ou não tivesse eu estado casado com uma macaense com quem vivi de 1979 a 1992. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínguo e invisível. Sei que os valores morais e materiais do nosso mundo ocidental ali nada valem, conforme a minha inútil cruzada contra a corrupção e o nepotismo o viria a provar. Mas saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzei lá. Não terei grande autoridade moral para falar da China e de Macau mas tenho alguma, alicerçada nos anos todos em que depois do meu emprego como economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau) tinha os meus inúmeros e bemsucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã.

Lidei com muita gente, dos 750 funcionários da CEM, 150 estavam sob a minha alçada indireta e 32 sob a minha direção imediata, em três secções da Divisão de Serviços Administrativos. Convivi com eles, partilhei das suas festas, e aprendi o valor incomensurável da palavra tempo que ali surge com outro significado.

Lembro-me de durante dois anos em que a CEM (Central Termoelétrica de Coloane na ilha do mesmo nome) ainda estava nas mãos dos japoneses antes de nos darem a chave de operações, ter tentado impor um novo esquema de trabalho. Nós tínhamos cerca de 32 feriados por ano, os de Macau (portugueses), os chineses, e os de Hong Kong (ingleses). Havia dias em que na Central só havia chefes e outros em que só havia "coolies" (como então ainda se designavam os trabalhadores indiferenciados). Era difícil chegar a acordo com eles, prometi-lhes mais dinheiro mas eles não queriam, prometi-lhes mais dias de folga mas eles recusavam. Finalmente foi feita uma nova lista de feriados que acabou por merecer a aprovação deles, sem recurso a mais dinheiro, a mais horas de descanso, apenas um arranjo melhor da lista de feriados. O dinheiro e a promessa de descanso que teriam levado qualquer ocidental a aceitar a mudança ali não surtiu efeito. Essa uma das muitas lições que aprendi.

Mais difícil foi depois criar carreiras profissionais quando nós, continentais e outros expatriados de África que ali tinham ido tínhamos sido contratados com condições milionárias. Por exemplo os Chefes de Secção da minha Divisão ganhavam inicialmente 300-350 patacas e eu ganhava por ex.º 6500... com uma nova política de responsabilização, melhor aproveitamento de recursos, possibilidades de promoção e outras coisas acabei por ter esse fosso reduzido substancialmente. Se no início de 1977 aquele diferencial salarial era de 21,67 quando saí em 1982 era apenas de 8 vezes, nada mau para aumentar a justiça social. Exatamente o contrário do que se está a passar em Portugal nestas últimas décadas em que tal diferencial não para de aumentar.

Os funcionários chineses com quem lidava de perto sempre fingiram nada entender de português além dos cumprimentos de cortesia. Uma das minhas cinco secretárias era chinesa e datilografava mais de 82 palavras em Português por minuto... alegadamente sem entender nada. Fiz o mesmo até cerca de um mês antes de sair de lá, data em que comecei a falar com uma certa fluência em chinês (cantonense) com eles todos para espanto e interrogação deles. Ficaram sempre sem saber se eu já falava alguma coisa há muito ou há pouco tempo. Era exatamente isso que eles me haviam feito.

Aleguei sempre (tal como eles) que nada entendia, que aquela não era a minha guerra, estava ali só de passagem e nada me interessava. Deu resultado. As normas sociais eram bem distintas de todas as outras que eu conhecera quer em Portugal quer em Timor Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

Um dia no meu gabinete entrou-me um dos administradores japoneses muito sorridentes com um envelope contendo alegadamente um cheque (digo alegadamente porque não sei se já prescreveu...) e qual é o espanto dele quando eu abro o envelope e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser, etc. Ele pensando que estava ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vénias dizendo que iria substituir o cheque por outro. Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente. A minha mãe chama-me estúpido, como estúpido me chamou o meu chefe que no mesmo período em

que lá esteve comigo conseguiu por um milhão na Suíça...certamente acumulando aquilo que eu recusara. Limitei-me a recusar essa oferta antes de saber que ela se devia a uns meros 10% de "luvas" pelo valor da assinatura anual que iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pela Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central).

Dado que, por ano eu assinava uns AUD\$ 333,000,000 (HK\$ 2,000,000,000) apenas 333 000 000 x 120\$00 = (Esc. 39 960 000 000 escudos = 21 183 206 euros, vinte e um milhões cento e oitenta e três mil euros.) creio que posso berrar bem alto quão estúpido fui, mas não me arrependo embora só a terminação daquele numero já me desse jeito hoje.

Nos vários jantares com a administração chinesa da CEM, de dez a quinze pratos eu debatiame com a dificuldade em utilizar os pauzinhos, até que um dos administradores, o Roque Choi me disse, vá para casa e experimente com uma bola de papel, vá diminuindo o tamanho dos objetos esféricos até conseguir apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos. Assim fiz e ainda hoje como a comida chinesa com pauzinhos.

São muitas as recordações que me veem à mente sobre aqueles anos, as ameaças das tríades quando eu desmascarei um esquema em que os funcionários da limpeza antes de serem admitidos pagavam adiantado, um ou dois anos de salário, para ganharem o lugar. Resultado, passei eu a controlar também a admissão de pessoal menor....como resultado imediato tive quilos de sal deitados no deposito de gasolina do meu carro, os pneus do carro da companhia sistematicamente anavalhados e finalmente, a oferta duma das seitas para me oferecer proteção. Recusei e não cedi à tentação. O carro não sofreu muito pois em breve o troquei por outro mais novo que me custou exatamente três meses de vencimento e era o último modelo da Toyota Cellica. Cenas destas houve várias tendo a partir de certa altura beneficiado da proteção policial após as horas de serviço, em que um agente da PSP estava de guarda ao meu carro. Mesmo assim, numa das vezes, o carro ficou com os quatro pneus cortados (o guarda alegadamente fora aliviar a bexiga, enquanto os malfeitores tratavam dos pneus).

Habituei-me a lidar com isso sem esmorecer. Mas o mais curioso foi quando um dos candidatos a empregado de limpeza me veio perguntar porque é que eu não o admitira se ele tinha pago o que lhe tinham pedido. Disse-lhe para tentar ir pedir o re-embolso porque eu dali não cobrava nada...

Para que conste, ainda possuo um relógio Cartier e um isqueiro S.T. Dupont oferecidos por funcionários que eu despedi pouco depois de me terem feito as ofertas, mas isso dava para um capítulo completo.

Ora bem, estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando começo a ouvir falar dos "Portugueses que deram novos mundos ao mundo", e doutras aleivosias semelhantes. Pensei enganei-me no século, isto não está a acontecer. Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau) território chinês desde sempre e um grupo de lusofalantes a discutirem o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que eu alucinava, mas eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (mais velho e senil que o Mário Soares) e ouço a Fátima não-sei-das-quantas perguntar-lhe "mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?" Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês, tradutor de Eugénio de Andrade e outros, ela já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, ela já ofendera quase toda a gente, e ali continuava ela a bater na mesma tecla do Grande Império Português... e Império para aqui, Império para ali, citando sempre "aquela data em que terminou o Grande Império..."

"Então, porque é que não se foi embora? E como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num território chinês e morrer aqui? Estas perguntas martelavamme os ouvidos e eu sem saber o que pensar ou fazer, mas com pena de não ter acesso ao satélite de transmissões e acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da administração portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que o chinês manada e o outro já não...

Como é que aquela mulher se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses que bem conheço e portugueses que lá

ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal mas ela de nada queria saber exceto para manifestar o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R.P. da China.

Ela já se esqueceu dos anos em que estagiou ali na RTP Macau com a outra Judite de Sousa, enquanto eu lá estava? Nada aprendeu no tempo em que lá este? No tempo em que aparte algumas instituições terem Portugueses à frente e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português ninguém sabia onde ficavam a menos que fossem ditos em chinês? Em que a Avenida Sidónio Pais era Sidonau Pasi e outras do género? Ou será que no tempo em que lá esteve nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa. Que Macau nunca foi Português? Pasmo de ver tanta ignorância, comentava eu ao ouvir o alarve que o meu cartão de jornalista profissional chorava lágrimas de verdade ao confrontar-se com este exemplo de jornalismo à portuguesa...

Felizmente que os chineses e a sua cultura milenar, apenas tem mais uns milhares de anos que a dos portugueses, são corteses e educados e não a puseram logo no olho da rua... e ela vai voltar satisfeita a pensar que magnifico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que ela recebesse já outro Globo de Ouro por este programa.

É esta arrogância portuguesa que me irritava nos aviões e aeroportos de todo o mundo, esta insignificância com manias de grandeza, que agora se reproduz em dez campos de futebol para agora estarem às moscas, para um aeroporto da OTA sem futuro, para um TGV para espanhol ver e outras quejandas. É esta a Lusofonia que eu não quero e que me leva a sentimentos de repulsa quando vejo proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar... e por que não com os cinco castelos e s de S. João Baptista de Ajudá que já ardeu nos idos de 60?

Esta mania pindérica de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam os grandes valores que até existiram. Estas manias de que somos grandes, de que fomos grandes que nos leva a proclamar que o Centro comercial Brasília do Porto quando foi inaugurado era o maior da Europa... que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que isto é o maior. Esta frustração edípica que Freud explicaria leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, coma maior sopa, a maior feijoada, a maior isto, a maior aquilo... será que o tamanho conta?

Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter um TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada que em qualquer querra civil. Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são? Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas. Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores. Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir? Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a áqua do Algueva que afinal não serviu para a rega? Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no distrito de Braganca? Para verem as filas de autocarro (as maiores e mais lentas da Europa), as filas para o médico, para isto e para aquilo? Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem? Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores Shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fim de semana?) Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais? Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias...

Ainda bem que foram os portugueses quem <u>"descobriu"</u> o Brasil. Imaginem que se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios como eles fizeram na América do Sul e na Austrália aos aborígenes.

Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?

Não me revejo nem aliás alguma vez me revi neste país, nesta pátria de que falava a Fátima Campos.

Lá fora brilham as luzes de Natal em todas estas aldeias e vilas, mas eu gostava era que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Eu é que estou sempre errado e nunca me conformo com a maioria que nos domina e nos dita as leis. Sou eu quem esteve sempre mal e não o mundo que me rodeia, mas ainda bem que assim continuo nesta idade, é sinal de que afinal estava certo e as minhas opções eram as acertadas. Os outros? Quero que se entretenham a ver programas de TV como aquele que descrevi pois serão muito mais felizes e contentes e este país bem precisa de gente mais contente.

Açores aos 14 dezembro 2005